vinetur

Château Chizay, na Ucrânia, apressa-se a garantir energia de reserva antes do inverno

A adega perto da Hungria iniciou a vindima com falta de mão de obra, temendo novos ataques russos à rede energética da Ucrânia.

terça-feira, 22 de setembro de 2026



Nas colinas do oeste da Ucrânia, perto da fronteira com a Hungria, os trabalhadores da Château Chizay avançam rapidamente pelos primeiros dias da vindima, ao mesmo tempo que se preparam para mais um inverno de perturbações energéticas ligadas à

guerra.

Na propriedade da região da Transcarpátia, o diretor de viticultura Guennadiy Vatchylia percorre as filas da vinha no fim do verão para verificar como a fruta está a amadurecer antes do início da colheita. A tarefa é rotineira nesta altura do ano, mas a pressão sobre os produtores aumentou desde a invasão em grande escala da Rússia. Paralelamente à vindima, a adega tenta instalar painéis solares e assegurar outras fontes de energia de reserva, após meses de preocupação com os ataques russos ao sistema energético da Ucrânia.

Nas grandes caves da propriedade, o vinho envelhece em centenas de barricas de carvalho e em grandes depósitos de aço. A temperatura fresca necessária para o armazenamento e a produção depende de sistemas de refrigeração que não podem falhar durante muito tempo. Depois dos apagões e do frio intenso do inverno anterior, os responsáveis dizem que a segurança energética se tornou tão importante como o trabalho no terreno.

“Acreditamos e esperamos que consigamos ultrapassar este inverno de alguma forma, graças a fontes alternativas de eletricidade”, disse Dmytro Kholoudko, diretor da propriedade.

A Château Chizay produz cerca de 1,3 milhões de garrafas por ano. Os seus vinhos são sobretudo sauvignon, muscat e riesling, mas a adega é especialmente conhecida pelo furmint, uma casta branca mais habitualmente associada à vizinha Hungria. A região é há muito mais conhecida pelos vinhos brancos, embora os produtores digam que as condições estão a mudar.

Vatchylia disse que as temperaturas mais quentes têm antecipado de forma constante a vindima, dois ou três dias por ano. Acrescentou que as alterações climáticas também abriram mais espaço para castas tintas numa parte da Ucrânia onde os vinhos brancos historicamente dominavam.

Mesmo com a mudança do clima, a maior pressão vem da guerra. Com centenas de milhares de homens ao serviço das forças armadas, vinhas e adegas em toda a Ucrânia estão a lutar para encontrar mão de obra suficiente. Kholoudko disse que a propriedade

precisa de cerca de 110 trabalhadores sazonais para apanhar as uvas à mão nos seus 270 hectares de vinhas espalhados por colinas ondulantes, mas o recrutamento tornou-se difícil.

“Acabámos de começar a campanha e precisamos desesperadamente de mãos, mas é difícil encontrá-las”, disse.

A falta de mão de obra é apenas uma parte dos danos. Pessoas do setor dizem que alguns enólogos foram mortos na frente ou em ataques. Algumas vinhas foram destruídas, enquanto outras estão agora em território ocupado por forças russas. A guerra também atingiu o armazenamento e a distribuição.

Um ataque russo a Kyiv danificou um armazém pertencente ao comerciante de vinhos Okwine, provocando perdas de 13,5 milhões de dólares, segundo a estimativa da empresa. O ataque sublinhou os riscos mais amplos que enfrenta um negócio que depende não só da agricultura, mas também de transporte seguro, energia, engarrafamento, armazenagem e procura dos consumidores.

A Ucrânia continua a ser um interveniente de pequena dimensão no comércio mundial de vinho. Segundo números citados nos media ucranianos, o país exporta cerca de 11 milhões de dólares em vinho por ano, sobretudo para a Roménia, enquanto importa cerca de 200 milhões. Essa diferença reflete tanto a escala modesta dos produtores nacionais como o desafio de conquistar reconhecimento no estrangeiro.

No mercado internacional, a Ucrânia continua a não ser amplamente vista como um país produtor de vinho. Essa perceção é uma das razões pelas quais produtores e vendedores dizem estar a tentar elevar o perfil do vinho local apesar da guerra.

Em Kyiv, o proprietário de um wine bar, Serhiy Klimov, optou por servir apenas garrafas ucranianas. Argumenta que o país tem uma longa história de produção de vinho e uma grande variedade de condições de cultivo. Na sua perspetiva, as regiões do sul podem produzir tintos mais encorpados, enquanto as regiões ocidentais, como a Transcarpátia, estão mais bem adaptadas a brancos frescos, de perfil mineral.

Klimov disse que a indústria vinícola do país mudou radicalmente desde o período soviético, quando a produção em massa dominava e a qualidade era muitas vezes fraca. Acrescentou que a Ucrânia está agora a assistir a um forte crescimento de vinhas mais pequenas e mais ambiciosas, que procuram competir pela qualidade e não pelo volume.

Na Château Chizay, esse esforço inclui colocar o vinho ucraniano lado a lado com concorrentes estrangeiros em provas e nos mercados de exportação. O enólogo-chefe Zoltan Udvarguely disse que o objetivo é mostrar aos compradores que o vinho ucraniano pode igualar, e por vezes superar, a qualidade das garrafas importadas.

O mercado interno também mudou durante a guerra. Na adega, grupos de turistas ucranianos continuam a visitar o espaço para provas e visitas guiadas. Kholoudko disse ter visto mais consumidores a escolher produtos locais por patriotismo, curiosidade ou em busca de qualidade. Para muitos produtores, esse apoio tornou-se um amortecedor importante à medida que o setor enfrenta perturbações logísticas, custos mais elevados e incerteza quanto às colheitas futuras.

A guerra deixou a sua marca até em marcos que deveriam ter sido simples decisões comerciais. Kholoudko recordou que a propriedade planeava iniciar a produção do seu primeiro vinho espumante a 24 de fevereiro de 2022, o dia em que a Rússia lançou a invasão em grande escala. Das várias dezenas de funcionários, apenas 10 foram trabalhar nessa manhã.

“Mas levantámo-nos e, com essas 10 pessoas, começámos a fazer o vinho espumante”, disse.